

REVISTA FLUMINENSE DE FOLCLORE

ANO II — AGOSTO DE 1975 — NÚMERO 5



INO EM ANGRA DOS REIS (Jardineiras) 1974.

CHEGOU A HORA DE RECONHECER A
MAIORIDADE DO FOLCLORE.

Édison Carneiro

Edição promovida pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Departamento de Assuntos Culturais do M.E.C., com o patrocínio do Programa de Ação Cultural.

DISTRIBUIDOR PARA TODO O BRASIL

CARLOS RIBEIRO

Rua do Carmo, 63

98(8153)
454
25

REVISTA FLUMINENSE DE FOLCLORE

Sumário

	Pág.
Folcloristas Brasileiros	2
Saudação a Luis da Câmara Cascudo	3
Discurso do Prof. Bráulio do Nascimento	6
Bata Palma, vovô!	8
Os caminhos do artesão	9
Mana-Chica da Maricota	12
Calunga	15
Enterro na roça	19
O tempo nos Provérbios	21
"A terra é boa; o céu é que não presta"	23
O dinheiro na linguagem popular	25
Sertanismo pitoresco	29
Noticiário	35

Instituto musical de são paulo ltda
rua oliveira, 217

GUSTAVO BARROSO (João do Norte) nasceu em Fortaleza, a 29 de dezembro de 1888. Foram seus pais — Antônio Filino Barroso e Ana Dodt Barroso. Fez o curso de preparatórios no Liceu Cearense e o de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará e na do Rio de Janeiro, nesta colando grau em 1911. Nenhum homem de inteligência e letras, no Brasil, talvez o tenha superado no volume e valor de sua obra cultural. Versou os mais variados assuntos e temas — História, Biografia, Arqueologia, Muscologia, Economia e Finanças, Folclore, Lexicografia, Literatura Histórica, Didática e Infantil, Política, Memórias, Viagens, Teatro. Inúmeros os seus romances, contos e novelas, livros de erudição, ensaios, crônicas e pensamentos. O jornalismo sempre o empregou. A sua pujante individualidade e a sua vigorosa mentalidade conduziram-no aos campos mais largos, às representações e embaixadas culturais do Brasil em muitos países estrangeiros, nos quais é vastamente conhecido e dos quais há recebido altas distinções, medalhas e condecorações. Membro da Academia Brasileira de Letras, já a ela presidiu duas vezes. Pertence a grande número de outras instituições de letras, nacionais, americanas e europeias. Diretor do Museu Histórico Nacional. (Da *Antologia Cearense*, 1.^a série, organizada pela Academia Cearense de Letras e editada pela Imprensa Oficial em 1957, com um excelente estudo de Raimundo Girão sobre a cultura cearense).

— *Ao Som da Viola* é a sua grande obra sobre Folclore. Foi editada em 1921, quando os estudos sobre essa disciplina ainda não estavam tão adiantados e tão vulgarizados como hoje. Reeditada em 1949, aumentou-a o autor com estudos mais aprofundados, sobretudo os compreendidos sob a designação geral de “Nordeste”. Aí focaliza especialmente os Estados do Ceará e da Paraíba.

É livro que não pode deixar de figurar na biblioteca do folclorista, repleto que é de informações interessantíssimas. Quase podemos afirmar que se trata de um dos clássicos versando, entre nós, o sugestivo tema.

Gustavo faleceu no Rio, a 3 de dezembro de 1959. Em sua memória, ergueu-lhe a terra natal o belo monumento da praça do novo Liceu.

SAUDAÇÃO A LUIS DA CÂMARA CASCUDO

Pelo Professor Manuel Diégues Júnior, na solenidade de abertura da “Festa do Folclore”, em Natal, a 22 do corrente mês de agosto:

“Natal nos acolhe hoje, no generoso convívio de sua gente, com o coração aberto, para nos dizer o que tem na riqueza de sua criação popular. Aqui estamos, gente que veio de fora e gente da terra, unidos no mesmo sentimento de amor às nossas tradições, para o FESTIVAL DE FOLCLORE, terceiro que se realiza num ciclo de promoções do Ministério da Educação e Cultura.

Se o primeiro foi em Brasília, e o segundo no Rio de Janeiro, houve como que o desejo de unir o novo ao antigo, o presente ao passado, na mesma maneira de festejar o que nos foi legado pelo povo, em diferentes formas de sua criação. Na capital nova como na antiga capital, manifestações criativas em folgedos, bailados, cantos e música traduziram as raízes comuns de nossa formação, no que foi criado e mantido através da tradição popular.

Para o terceiro, não haveria outra escolha: Natal se impunha sem se oferecer, oferecia-se sem se manifestar. Aqui como que se juntam expressões originais de nossa tradição mais antiga, atenta à ocupação humana primitivamente surgida nas terras tropicais do Nordeste agrário. O mais antigo permanece e junta-se ao novo; se a paisagem física se renova, com o processo urbanístico e o crescimento demográfico, a tradição se conserva, renovando-se sem perder suas características mais puras. Aqui tradições indígenas, negras e brancas se mesclaram, e se fundiram e se multiplicaram, para nos dar, nos seus diferentes folgedos, nos seus cantos, nas suas danças, nas suas lendas, o sentimento comum de fraternidade, de aconchego humano, de solidariedade étnica do nosso povo.

Não bastava isto, porém; se Natal reúne tudo isto que o Rio Grande do Norte possui, sabe-se que por todo o Nordeste estas manifestações se espalham, na expressão de sua origem comum, na comunicação de seus sentimentos, que os séculos foram sedimentando. Não bastava isto, porém.

Riqueza maior, quase diria atração maior, Natal nos oferecia, porque aqui estava quem, desde a meninice vivendo por entre tradi-

ções populares, soube recolhê-las, cultivá-las, estudá-las e interpretá-las; e contribuiu, assim, pelo estudo e pela presença, para conservá-las, para prestigiá-las, para registrá-las e sobretudo para transmitir seu amor e seu conhecimento às novas gerações.

Refiro-me, e sem dificuldade podeis identificar tal figura, àquele que, sendo nas primeiras décadas deste século, para a família potiguar, apenas o Cascudinho, é hoje, na consagração nacional e universal, na estima de seus companheiros, na admiração de seus leitores, no apreço de todos, nosso mestre maior: Luís da Câmara Cascudo.

Creio que data de 1921 seu primeiro estudo no campo do folclore; outras preocupações, como a história e a geografia, por exemplo, seduziram, da mesma forma, a curiosidade intelectual do jovem potiguar, mas foi o folclore que mais o atraiu, fixando-o em suas preocupações culturais, projetando o jovem Cascudinho no mestre Cascudo, em torno do qual hoje nos reunimos, vindos de diferentes pontos do Brasil, para, com sua gente contrerrânea, saudá-lo.

Se Natal nos acolhe com tanto carinho, com a expressão maior de sua fidalguia tradicional, não chegamos aqui de mãos vazias, por mais que assim possa parecer. Todos os povos têm, nas mãos, o simbolismo de um ritual, mágico ou afetivo, lúdico ou amoroso. Mãos que jogam os búzios para saber a sorte; mãos que tocam as partes doentes para curá-las; mãos que imitam formas materiais para atração de animais ou aves.

Também nossas mãos expressam sentimentos, e estes sentimentos traduzindo gratidão ou amor. Mãos que abertas se erguem ao céu para agradecer a Deus os benefícios recebidos. Mãos que abertas abençoam os filhos no caminhar da vida. Mãos que abertas se encontram para o afeto da amizade. Mãos que abertas dão adeus aos que partem e levam aos olhos o consolo para as lágrimas da saudade. Mãos que abertas se entrelaçam como prova de amizade na reiteração do conhecimento e estima de amigos que se encontram. Nunca estão vazias, embora abertas ou simbolicamente acenando; estão sempre cheias de reconhecimento ou de amor, de afeto ou de carinho, de estima ou de lembrança — reconhecimento, amor, afeto, carinho, estima ou lembrança que traduzem sentimentos inatos ao homem, na sua maneira de manifestar-se com as mãos.

Mãos que aqui trazemos, cheias de agradecimentos a Luís da Câmara Cascudo pelos estudos que nos deu, pela amizade com que nos

distingue, pela dignidade intelectual que nos ensinou, pela elevação moral de sua vida.

Quando publicou, em 1939, *Vaqueiros e Cantadores*, ele nos disse que reunia 15 anos de vida — notas, leituras, observações que a vivência no sertão gravou na memória prodigiosa; desde então, desde aquele conviver sertanejo, manteve este contacto vivo com o folclore, e registrando e observando o que via nos ensinava a amar o nosso povo pelo amor às suas tradições.

Em 1940 fundou a Sociedade Brasileira de Folclore, que existiu nele, quase unicamente ele, como centro de referência para a projeção exterior de nosso folclore e para o respeito que devemos a estas manifestações espontâneas de nossa criação popular. E quando, graças a outro batalhador incansável pelo nosso folclore que é Renato Almeida, se intensificou, a partir de 1948, as atividades de pesquisa e de estudo, semanas, congressos, conferências, festivais, uma movimentação de âmbito nacional, encontramos Cascudo na primeira fila dos que se juntaram para o trabalho comum. Trabalho de amor, como é o próprio folclore — ciência de amor.

E quando hoje, aqui se abre o III Festival do Folclore Brasileiro, Natal nos aconchega com sua solidariedade, queremos trazer ao hoje veterano de nossos estudos, ao patriarca dos folcloristas brasileiros, não mais o Cascudinho observador da década de 20, e sim o mestre Cascudo que todos respeitamos, e estimamos, o tributo de nosso reconhecimento, a expressão de nosso respeito e sobretudo o afeto de nossa amizade — reconhecimento, respeito, amizade de todo o seu povo, cujas tradições estuda e cultiva.

Luís da Câmara Cascudo: nossas mãos não estão vazias, repito. Nossas mãos estão cheias, cheias daquilo que não se vê porque não se traduz em objetos; cheias daquilo que não se manifesta em palavras, porque temos conservado em nosso coração. Nossas mãos estão cheias, não de palavras, mas de gesto que se exprime pelo sentimento mais alto que é o da gratidão.

Nossas mãos lhe trazem o que está em nosso coração, o que está em nosso espírito, no reconhecimento, que é nosso, que é do Rio Grande do Norte, que é do Brasil; aqui elas estão, não vazias, mas entrelaçadas no gesto de amizade, para lhe dizer, num aperto de mão, de coração aberto, de espírito para o alto, por tudo o que tem escrito, por tudo o que tem feito: muito obrigado”.

DISCURSO DO PROFESSOR BRÁULIO DO NASCIMENTO

Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, na inauguração das suas novas instalações:

"Com a inauguração de sua sede, na antiga Casa da Guarda do Palácio do Catete, verdadeiramente se instala a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. O velho prédio, transferido em 1974 para a área do Ministério da Educação e Cultura e destinado à Campanha por ato do Professor Manuel Diégues Júnior, Diretor-Geral do Departamento de Assuntos Culturais, foi totalmente restaurado e adaptado para as novas funções, com recursos provenientes do Programa de Ação Cultural. Doravante, pode a Campanha efetivamente desenvolver as suas atividades com a amplitude e o ritmo desejado pelos folcloristas brasileiros que, no distante ano de 1951, no I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, solicitaram ao Governo Federal a sua criação — um órgão na administração pública com capacidade de assumir a imensa tarefa de defesa, estudo e pesquisa de nosso folclore.

Na abertura do III Congresso Brasileiro de Folclore, na Bahia, em 1957, o Presidente da República anunciou a criação do Grupo de Trabalho para a estruturação do órgão destinado à defesa do folclore. O Grupo, constituído por Renato Almeida, (presidente) Manuel Diégues Júnior, Édison Carneiro, Joaquim Ribeiro e José Simeão Leal, sugeriu a forma de Campanha, tendo em vista a possibilidade de instituição imediata pelo Poder Executivo.

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, desse modo, foi criada pelo Decreto n.º 43.178, de 5 de fevereiro de 1958, com os seguintes objetivos, em plano nacional:

- promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;
- proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;
- organizar museus, bibliotecas, filмотecas, fonotecas e centros de documentação;
- manter intercâmbio com entidades congêneres;
- divulgar o folclore do Brasil.

A estrutura da Campanha compreende o Conselho Nacional de Folclore, órgão orientador, presidido pelo Ministro da Educação e Cul-

tura e composto de doze membros: Aires da Mata Machado Filho, Bráulio do Nascimento, Dante Laytano, Guilherme Santos Neves, José Loureiro Fernandes, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior, Oneyda Alvarenga, Oswaldo Rodrigues Cabral, Renato Almeida, Rosini Tavares de Lima e Théó Brandão; e a Direção-Executiva exercida por um dos membros do Conselho, designado pelo Ministro da Educação e Cultura. Está subordinada ao Departamento de Assuntos Culturais.

A Campanha foi instalada a 22 de agosto de 1958; nestes dezessete anos de existência teve os seguintes Diretores-Executivos: Mozer Araújo (1958-1961), Édison Carneiro (1961-1964), Renato Almeida (1964-1974).

A atuação da Campanha vem-se desenvolvendo em âmbito nacional, sendo enorme o acervo de suas realizações nos diversos setores: pesquisas, cursos em vários níveis, publicações, instalação de museus, exposições, concursos, estímulo aos grupos folclóricos, festivais, documentário sonoro, fotográfico e cinematográfico e divulgação intensiva do folclore no país e no exterior.

Na nova sede funcionam, além dos serviços administrativos, a Biblioteca Amadeu Amaral, o setor de áudio-visual com uma documentação abrangendo cerca de 30 mil peças — recortes de jornais, revistas, slides, filmes, discos, fitas gravadas, fotografias, desenhos e outros documentos, e o Museu de Folclore com um acervo de peças provenientes das diversas regiões do país, de que se apresenta pequena mostra na exposição inaugural.

A inauguração de sua sede representa uma luta vencida contra o tempo e sobretudo uma demonstração do dinamismo da política cultural do Governo. A importância da cultura popular é amplamente reconhecida e assegurados os meios para sua defesa, pesquisa, estudo e promoção.

Imensa e múltipla foi a colaboração recebida dos diversos setores do MEC, a cujos dirigentes apresento os mais sinceros agradecimentos, extensivos à sua equipe de trabalho: Professor Manuel Diégues Júnior e Dr. Roberto Parreira, Gerente do Programa de Ação Cultural, pelo apoio integral e irrestrito que vêm dando permanentemente à Campanha, possibilitando-lhe nivelar-se aos demais órgãos culturais do MEC; Vicente Sales; Maria de Lourdes Borges Ribeiro, assessora de Folclore do PAC; Dr. Joaquim Pereira da Silva Almeida, Chefe do Serviço de Engenharia da DR-3; Engenheiro Oswaldo Nunes Ribeiro, Arquiteto Theodoro Schmidt, autor do projeto do Museu; Professor Gerardo Brito Raposo

Câmara, Diretor do Museu Histórico e Prof.^a Ecila Castanheira Brandão, responsável pelo Museu da República, em cujo anexo funciona, desde sua criação, o Museu do Folclore.

Finalmente, os agradecimentos à minha equipe, dedicada, incansável, idealista e eficiente, liderada por Arminda Camargo, que me permitiu não apenas continuar, mas ainda intensificar as atividades da Campanha, trabalhando num verdadeiro canteiro de obras em que se transformou a Casa durante os meses de restauração.

Ao inaugurar a sua sede, a Campanha rende homenagem especial aos folcloristas brasileiros”.

*

BATA PALMA, VOVÓ!

Luis da Câmara Cascudo

No final de façanha obtida entre brinquedos, Newton espeta-me o olhar convidativo ao aplauso. Com as mãos ajustadas, comanda, insistente: *BATA PALMA, VOVÓ!* Não sei o que aplaudo, mas obedecendo, sonorizando a indispensável concordância, evidente e confusa.

Esse gesto exigido por meu neto é fundamental nas relações humanas. Invocava a presença dos Espíritos Protetores. Ainda hoje batemos palmas para chamar alguém. Antecedeu ao cimbalo, triângulos, tambores, campainhas. Percuto as mãos como fizeram Sumérios, Hititas, Egípcios, Caldeus. O Homem pisa os granitos da Lua. Transplanta vísceras. Vence a distância. Não consegue conceber outra fórmula visível de concordância coletiva, de vivo apoio grupal. O Progresso não inventou, conservando bater as palmas das mãos, outro processo de solidariedade associada e pública, universal e pragmática. Transmite o suficiente louvor às homenagens grupais. A origem é européia? Há relevos na Ásia-Menor com personagens desfilantes ostentando as mãos em posição percussiva. Tróia e as raças da Anatólia tiveram influência recíproca. Os egípcios conheciam o gesto. Os pretos africanos e os ameríndios ignoravam. É verdade que o idioma tupi possui o vocábulo *POCEMA*, rumor das mãos, mas seria destinado ao ritmo das danças e jamais expressão aclamadora. As crianças de Samoa, antes de andar, sabem bater as mãos animadoras.

Não tenho documentação se os Árabes e Mouros bateram as palmas antes de ver a mímica dos legionários de Roma. *Idem* para o Mundo dos mares do Sul, onde os navegadores não as ouviram no século XVI. Na China e Japão seria ademane religioso de fixar a própria atenção ou a dos Deuses propícios. Para festejar alguém, não creio na Úsanca e também pela Índia sem fim. Recordo os soldados romanos batendo com os gládios nos escudos quando aclamavam o *IMPERATOR*, ou reclamavam batalha imediata. Pediriam o auxílio de Marte ou de Belona pela sonoridade metálica, melodia aos ouvidos dos Numes guerreiros. Penso nos sinos, matracas, gongos, sinetas litúrgicas. A palma é som provocado em divino louvor intencional. O Sr. A. Milton informa: — *On n'est répandu en France qu'au cours du XVII siècle*. Cem anos antes, faziam-na soar na Sorbone, ensina Rabelais: — *Commencérent frapper des mains, comme est leur badeude costume*: (PANTAGRUEL, XVIII).

Certo é que há mais de trinta séculos nenhuma instituição a dispensa e não nasceu quem se desagrade de entendê-la em sua intenção. Palmas! Palmas! Não as deparo na BÍBLIA. Jesus-Cristo e os Apóstolos não utilizaram as palmas-de-mão na recepção deleitosa *PLAUDITE, CIVIS!* Aplaudi, Cidadãos! Bata palma, Vovó! Bata palma!...

(Página do livro inédito — *Nossos Gestos*).

*

OS CAMINHOS DO ARTESÃO

Saul Martins

O artesanato se caracteriza, fundamentalmente, pela singeleza dos processos manuais empregados durante a ação de fazer e, em princípio, realiza-se para atender a necessidades primárias do próprio artesão, de sua família ou da comunidade.

Decorrente da falta de alternativa ocupacional, pode-se falar em um *artesanato de sobrevivência*, que envolve a grande maioria dos artesãos no Brasil, especializados no ramo artesanal mais adequado, conforme a abundância do material encontrado no lugar e o estilo de vida.

MANA-CHICA DA MARICOTA

An'Augusta Rodrigues

Quando se fala em folclore de Campos e São João da Barra, a primeira curiosidade é para a "Mana-Chica", cuja existência revelou a cultura oficial através de umas poucas referências literárias. Em "A Planície do Solar e da Senzala", de Alberto Lamego Filho, a melhor e mais descritiva. Registro mesmo, específico de letra e música, quem primeiro o fez foi o maestro — campista dedicado — que dá o nome ao excelente "Orfeão Juca Chagas" do Liceu de Humanidades de Campos. Depois dele o professor Newton Perissê, também do Liceu, fundador do "Orfeão Santa Cecília", que mantém a versão, por ele estilizada e harmonizada, como peça de resistência de seu repertório — a "Mana-Chica" do Caboio. Note-se que é do Caboio como seria de qualquer outro lugar, porque lá foi ouvida e aprendida. A palavra não faz parte do nome da dança, nem lhe dá características diferentes das outras Mana-Chicas regionais.

Curiosidade existe. Informação muito pouca, além dessas de esgotada a edição e escassa difusão mesmo em Campos. O que não deixa de ser estranho, já que a dança continua existindo na região.

Não nos termos de antigamente, é lógico, mas conserva seus cultores e praticantes, velhos e moços; aliás, basta que se encontrem e facilmente conquista adeptos entre os jovens.

Grussaí, praia sanjuanense de frequência campista, é um dos núcleos de sobrevivência do "fado", do qual a Mana-Chica é uma das variedades.

Nunca é demais repetir e acentuar essa filiação. E por "fado" se entende um grupo de danças com figuração marcada, sapateados e palmas, som de viola, adufe e canto. Ao correr do tempo, o adufe virou pandeiro comum. A viola pode e tem sido substituída pela sanfona e pelo acordeon. Sem nenhuma vantagem e somente pela crescente raridade de bons violeiros. O que é realmente uma pena, tanto para o fado como para toda a folclórica música da região.

Extravagança, tontinha, andorinha, mineira, marreca, balão ligeiro, balão das minina, quireduú, feijão miúdo completam o grupo. Com diferentes graus de persistência em termos gerais e particulares, ou locais.

Na região pesquisada, de Campos ao mar, margem sul do Paraíba, a Mana-Chica se alterou mais com as 3 primeiras do que com andorinha e marreca. As outras talvez sejam apenas fiapos de lembranças na memória dos velhos (ao que eu saiba, já não ocorrem há bem mais de 20 anos).

Diferem todas, sim, nos detalhes da execução, nas melodias. Mas se assemelham no conjunto, nos "versos" de repertório geral, no acompanhamento ou "música" na caracterização social. São danças do ambiente rural, quer interior quer litorâneo. Realizam-se dentro de casa em sala, com marcada preferência pelo chão de tábuas, de "soalho".

Acontecem com ou sem motivo especial — em comemoração festiva ou simples gosto pela dança e pela reunião. E com frequência explodem de improviso, basta que a casa esteja cheia de gente e bom humor, em visita de parentes e amigos. E que haja cantador e tocador por perto. Sem maior formalidade. O que não impede que se marque dia e hora e se convide a "turma" para um "fado" — de tarde, no domingo ou feriado, ou "varando a noite" de sábado para domingo.

Dançam os velhos, os maduros, os jovens, as crianças — todos os do grupo familiar e amigo, reunido.

O verso é o "descante" por conta do cantador. O "canto" que é o estribilho, no caso a "Mana-Chica" e o "larai" trauteado que a prolonga, é melhor que caibam a um outro, o violeiro geralmente é um deles — não há garganta que agüente cantar sozinha a noite toda — e os dançadores em geral ajudam no "la-rai"...

"Mana-Chica da Maricota" — dentre as várias "Mana-Chicas" ainda em uso em São João da Barra e suas praias de Grussaí e Atafona, esta é uma predileta e tem geral difusão:

Lá si vai Chiquinha mana
Mão direita mão canhot'
Ai lá si vai Chiquinha mana
Mão direita mão canhota.

Não ti dô a mão direita
Porque dei a Maricot'
Ai não ti dô a mão direita
Porque dei a Maricota.

Bis (Vô m'imbora desta terra
((Ai) é mintira num vô não

Bis (Sinhazinha não mi mati
((Qui) eu não queru amorê não

Vai êvai Chiquinha mana... etc.

Bis (Você diz qui num mi quê
(Porque tem ôtra pessoa

Bis (Esti qui você adora
(Não é milhó nem tão bão

Lá si vai Chiquinha mana
Você onti fez da boa
Ai lá si vai Chiquinha mana
Você onti fez da boa

Fez eu durmi nu serenu
Comu sapu na lagoa
Ai fez eu durmi nu serenu
Ai comu sapu na lagoa

Bis (Tumará qui u padre chegui
(Qui eu queru mudá meu nomi

Bis (Queru botá pêxi fritu
(Daqueli qui as môça come

Vai êvai Chiquinha mana... etc.

Bis (Minha genti venham ver
(Venham ver u Condi Du

Bis (Venham ver Francisco Lopis
(Qui di uma bala morreu

Lá si vai Chiquinha mana... etc.

Bis (I eu jurei di num amá
(Ti amandu quebrei jura

Bis (U amô uma tentação
(Qui atent'as criatura

Lá si vai Chiquinha mana... etc.

Bis (U amô uma tentação
(Qui atent'as criatura

Bis (Eu stô di amoris novus
(Num posso cumê verdura

Vai êvai Chiquinha mana... etc.

Bis (Eu stô di amoris novus
(Não possu cumê verdura

*

CALUNGA

Luís Antônio Pimentel

O vocábulo *calunga*, visivelmente de origem africana, é registrado na nossa literatura por Jaques Raimundo, Visconde Taunay, Cândido Figueiredo, Pereira da Costa, Afrânio Peixoto, Macedo Soares, Beurepaire-Rohan, Lucas Boiteux, Couto Magalhães, Dias de Carvalho, Manuel Querino, Frei Canecatim, Sílvio Romero, Silva Campos e tantos outros autores sem que façam um estudo aprofundado de sua origem.

O grande Mário de Andrade, no 2.º volume de suas obras completas, editadas pela Livraria Martins, São Paulo — “Danças Dramáticas do Brasil”, no capítulo “O Maracatu”, nos dá uma espécie de cantiga de mucama, da Bahia, “infelizmente sem a solfa (página 144) que passamos a transcrever:

"Vamos atrás da Sé
Na casa de sinhá Tetê
— Caiumba —
Ver a mulatinha
Da cara queimada,
Quem foi que a queimou?
A senhora dela,
— Caiumba —".
(Etc.)

Conta-nos ainda, na mesma página, que Sílvio Romero registra este "refrão célebre":

"Alê, akê, Calunga,
Mussunga, mussunga êh!"

e que Silva Campos (182, 211), num dos seus contos falianos, apresenta este outro:

Manê-ê, manê-ê,
Nunga, calunga,
Calunga-ê;
chamo nam chamo,
chamo nam chamo,
chá-chá-ouê!"

Embora as transcrições que fizemos do livro de Mário de Andrade tenham por finalidade provar a origem etimológica de CALUNGA, que aparece com freqüência nos maracatus, aqui o fazemos apenas para agregar-lhe mais uma versão — a que era cantada para nós por nossa babá Joventina, de Miracema, e depois por nossa mãe, que com ela aprendera e que está registrada no livro de Figueiredo Pimentel "Os Meus Brinquedos" — 4.^a edição da Livraria Quaresma (1959), páginas 72 a 75, sob o título "Bater as Mãos".

Parece-nos, entretanto, tratar-se mais de um acalanto negro, ou afro-brasileiro, do que de música de animar jogo ou ginástica rítmica. É assim a letra em apreço:

Musical notation for the song "Lá de trás da serra". It consists of three staves of music in 2/4 time. The lyrics are written below the notes.

Lá de-trás da ser-ra Ca-lun-ya tem uma mu-la-
ti-nha Ca-lun-ga com ca-ra quei-ma-da Ca-lun-ya
quem foi que quei-mou Ca-lun-ga por cau-sa de...

"Lá detrás da serra,
Calunga,
Tem uma mulatinha,
Calunga,
Com cara queimada,
Calunga,
Quem foi que queimou?
Calunga,
Por causa de quê?
Calunga,
Por causa do peixe frito,
Calunga,
Que o gato comeu,
Calunga,
Que é do gato?
Calunga,
Fugiu p'ro mato,
Calunga,
Que é do mato.

Calunga?
O fogo queimou,
Calunga,
Que é do fogo?
Calunga,
A água apagou,
Calunga,
Que é da água?
Calunga,
O boi bebeu,
Calunga,
Que é do boi?
Calunga,
Está amassando trigo,
Calunga,
Que é do trigo?
Calunga,
A galinha espalhou,
Calunga,
Que é da galinha?
Calunga,
Está pondo ovos,
Calunga,
Que é dos ovos?
Calunga,
O frade bebeu,
Calunga,
Que é do frade?
Calunga,
Está dizendo missa,
Calunga,
Que é da missa,
Calunga,
Está no seu altar,
Calunga,
Que é do altar
Calunga,
Está no seu lugar,
Calunga”.

ENTERRO NA ROÇA (*)

Arnaldo Nunes

Amanhecer de maio. Recanto deserto, entre as fazendas de Santa Rosa e Pau d'Alho, após uma dulcíssima noite de luar, passada em plena mata, à caça de pacas.

O céu, para as bandas do oriente, barra-se de ouro e laranja; lento e lento o fundo cinzento clareia, as nuvens plúmbeas se esvão, e um halo pomposo, o pausínio da aurora, faz antever as belezas de um dia cheio de luz.

Além do murmúrio da selva — guinchos de saguir, escalas de inhambus, pios mil de aves inúmeras e cícios de insetos sem conta — apenas de quando em quando os cães, já atrelados, nos despertam a alma absorvida em profundas meditações, cheia de misticismo, entregue a mil sentimentos incompreensíveis, arrebataadores. Tudo é grande, tudo se afasta da própria vida para se confundir no esplendor da natureza pujante.

O horizonte enche-se de filigranas cor de rosa e esmeralda; não tarda que o sol desponte, como aranha de brasa, subindo num aranhol de ouro. E às colorações que vão cambiando gradativamente o esplendor das tintas, passa por sobre o verde e escuro da vegetação exuberante um bando de maracanãs, num alegre rascar, enquanto o tatarlar da marreca, a orquestração dos pássaros que vão despertando, o sussurro do riacho, da brisa impregnada de resinas e mil e um sons indefinidos, completam a maravilhosa harmonia do ambiente.

Partimos. Alguns momentos mais, estrada em fora, gozando a cadenciada marcha do rosilho, e um galo, perto, solta o canto, seguido de outros que, aqui e além, vão cocoricando, um a um, como que obedientes à regência de algum maestro...

Transposta a quebrada, eis que da grota parte um coro de vozes dolentes...

É a última prece por alma de um morto que jaz na choça, prestes a ir para o seu pouso final; é a última reza, após uma noite em que

* Trabalho aparecido, por volta de 1930, na revista «O Cruzelro» e ilustrado por Marques Júnior. Devêmo-lo à gentileza do filho do A., académico Djalma Rocha Nunes.

se esgotaram algumas garrafas de aguardente e algumas centenas de torradas, entre disputas e chalaças, em torno do defunto.

Fica o casebre de taipa e sapé ao lado mais plano da grota, a cujo fundo pasta, estafada e banzeira, uma égua pedrês, cheia de pisaduras do lombilho e esfolados da cangalha. Duas ou três cabras, galgando o barranco, vão-se pondo em liberdade, e as galinhas cisçam em torno do fogo de gravetos que arde, soltando, por entre as ramarias das árvores, espirais de fumo, enquanto uma crioula, depois de encher uma lata na mina gotejante, recolhe algumas peças de roupa que corara durante a noite no verde estendal de grama.

A brisa, mais forte agora, ondula as copas orvalhadas, faz chocalhar as folhas. Há como que um frêmito em tudo, como se tudo despertasse de repente...

O disco do sol aponta no cabeça da serra. Pleno dia!...

Movimenta-se toda a falange de pretos, mulatos e caboclos, que fizera *quarto* ao morto. Erguem-se os que se acham no terreiro, aos fuzos, deitados uns, outros recostados, alguns de pé, todos de rosto gorduroso, carapinha empoada, olhos congestionados.

É a hora de sair o cortejo fúnebre...

Enrolado o corpo em uma esteira de tábua e atado a dois grossos e bem maduros bambus, à semelhança de maca, lá vem o magote, grota abaixo, com quatro homens à frente, suportando a trouxa macabra.

É incrível a algazarra. Parece uma festa. Tudo se faz aos saltos, aos berros, e ganha a estrada de rodagem; no vale, continua o troço a bom trote, baloiçando o amarrado lúgubre, entre os bambus que se recurvam à violência da marcha.

É imensa a onda de pó que se eleva por onde passam. Cada qual quer mostrar-se mais hábil em revezar, no galope, os que se vão cançando na condução do defunto.

Nessa balbúrdia infernal, vencida quase metade da jornada, sentem o peso aumentar; e longe de atribuir tal fato ao cansaço, à noite de sono perdida, ao álcool, aos excessos de toda sorte, acreditam todos, sem admitir a menor objeção, na lenda corrente, segundo a qual o saci, ou porque tenha contas a ajustar com o morto, ou por simples prazer de maldade, cavalga o cadáver, a derrengar-se, a piquetaz prazerosamente.

É o remédio contra tais diabruras do molecote satânico é conhecido e posto em prática, com a maior naturalidade deste mundo.

Arreiam o fardo no chão, cortam três varas no mato próximo, e surram o corpo impiedosamente, até que as vergastas se desfaçam em estilhas...

Consumada a cena, que é feita com decisão, aos pinotes, entre risos e chacotas, berros e impropérios, prossegue a alimária humana no seu esquipado desenfreado, convencida de que o filho de Belzebu se fora, afungentado para as profundezas do inferno, e de que... a carga ficara realmente aliviada...

Quanta ingenuidade supersticiosa! Pobre defunto! Entra o cortejo fúnebre, desesperadamente, transpondo cercas e barrancos, a caminho do Cemitério Novo. Lá vai, trilho a fora, desaparecendo na curva do morro, e o vozerio, ecoando de quebrada em quebrada, vem até nós...

Do topo da estrada se nos depara a cidade. E a alma, ainda presa ao espetáculo macabro, volve ao esplendor da manhã...

Revive tudo, todo o vigor deslumbrante da Natureza... e entre o profundo sentimento da vida universal e da morte particular, penetra nas ruas da cidade de Valença...

Sente-se abatida, aniquilada, como que deixando uma torre muito alta, muito ampla, de onde se descortine as mais variadas paisagens, onde se transpire livre e largamente uma atmosfera pura e sublime para se abismar em um subterrâneo estreito, sem ar, sem luz, cheio de cacos e bolor das convenções, e reviver o doloroso quadro do enterro na roça...

*

O TEMPO NOS PROVÉRBIOS

Amélia Tomás

Provérbio, ríflão, prolóquio, adágio, ditado, anexim, brocardo, sentença, preceito, aforismo e máxima — são os muitos nomes dados à condensação da experiência e da sabedoria popular, encerrando uma verdade indiscutível.

Cada povo tem os seus provérbios, mas as variantes têm significação idêntica, demonstrando assim que a alma do homem é a mesma em todas as regiões do globo. São os provérbios uma quase norma de conduta, de sabedoria e de justiça. Salomão, o mais sábio dos reis,

deixou-nos um *Livro de Provérbios*, citados pelos séculos e jamais desmentidos. Sobre o tempo, esse remoto rei de Israel estabelece axiomas, terminando por dizer que tudo tem o seu tempo determinado, e que *há tempo de guerra e tempo de paz*. Na meteorologia os provérbios têm larga aplicação, provindos como provêm de observação experiente. Eis alguns deles:

Aurora ruiva, vento ou chuva. — Vermelha alvorada, mal encaçada. — Barra roxa em sol nascente, água em três dias não mente. — Cerração baixa, sol que racha. — Rosado sol posto, cariz bem disposto. — Lua nova tropejada, trinta dias de molhada. — Lua com circo (círculo), água no bico. — Lua à tardinha, com seu anel, dá chuva à noite ou vento a granel. — Céu pedrento é sinal de chuva ou vento. — Nuvem comprida que se desfia, é sinal de grande ventania. — Se vem chuva e depois vento, põe-te em guarda e toma tento. — Depois da chuva nevoeiro, tempo bom de marinheiro. — Por Santa Maria iguala a noite com o dia. — Por Santa Luzia cresce a noite e mingua o dia.

Dão-nos os provérbios conselhos de prudência: Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje. — O bom saber é calar até o tempo de falar. Tempo é dinheiro.

Admoestam: Quem semeia vento, colhe tempestade.

Consolam: Não há bem que sempre dure, nem mal que sempre ature. — Em tempo e lugar, o perder é ganhar. — De hora em hora Deus melhora. — A quem souber esperar o ensejo, tudo vem a seu desejo.

Ironizam: Tempestade em copo d'água... — Quem tem tempo faz colher de pau e ainda borda o cabo.

Dizem da fatalidade: O tempo tudo gasta. — O mau ano tem dias longos. — De noite, todos os gatos são pardos. — Em tempo de murici cada um cuida de si. — Três horas dorme o santo; três e meia o que não é santo; quatro o estudante; cinco o extravagante; seis o porco; sete o morto.

As horas mereceram na velha Roma uma belíssima inscrição: *Vulnerant omnes, ultima necat*, que Bilac, em fecho de magistral soneto, assim traduziu: Todas ferem passando, a derradeira mata.

A semana tem inspirado ao povo vários provérbios: Não há sábado sem sol, domingo sem missa e segunda sem preguiça. — Chuva de sábado nunca acaba.

A fantasia dos poetas tomou para tema os dias da semana. Recolhi de um carpinteiro baiano esta estrofe:

Se na segunda eu te amo,
na terça te quero bem;
na quarta tenho ciúmes,
na quinta digo de quem;
para na sexta mandar,
um alfinete a meu bem;
e no sábado não falar,
no domingo com ninguém.

Talvez seja uma variante da quadra portuguesa, que diz:

Segunda-feira eu te amo,
na terça te quero bem;
na quarta por ti espero,
na quinta por mais ninguém.

Concluiremos com a resposta que o tempo deu a si mesmo sobre a sua duração:

O Tempo pergunta ao Tempo
quanto tempo o Tempo tem;
e o Tempo responde ao Tempo
que o Tempo tem tanto tempo
quanto tempo o Tempo tem.

*

“A TERRA É BOA; O CÉU É QUE NÃO PRESTA”

Verissimo de Melo

Fala-se muito na “verve”, no humor, na inteligência do carioca. Todo movimento, toda iniciativa nacional é sempre acompanhada de uma piada carioca. Políticos, homens de Estado, artistas, industriais,

ninguém escapa à sua caricatura. A anedota surge no Rio de Janeiro. Em poucos dias, espalha-se por todo o Brasil. Explica-se a velocidade da comunicação pelos poderosos meios de difusão de que dispõe aquele centro: jornais, rádios, TVs, também o fluxo de turistas de toda parte.

Concordamos em que o humor do carioca é excepcional. Mas não devemos subestimar, nesse aspecto, o humor do homem do Nordeste, sobretudo o homem do campo, o matuto. A filosofia de vida do nosso camponês é extraordinária. Ela se reflete constantemente nos ditos, modismos, frases feitas, comparações, anedotas. E a seara é inesgotável. Quem viaja pelo interior nordestino, quase sempre traz expressão nova, explicação diferente para um fenômeno, um modo de dizer original do camponês.

Para valorizar o humor do nosso homem do campo é preciso, todavia, entendê-lo em seu complexo vivencial. Às vezes, uma frase solta quase não tem sentido para quem vive noutra área cultural brasileira. A filosofia do nosso matuto é realista, rude, chocante. Expressa-se numa síntese, mas assim mesmo vem carregada do humor da região, da condição humana, da ténpera do rurícola frente às contingências do meio físico-geográfico. Desligar o homem do campo do seu contexto sócio-cultural é esvasiá-lo completamente. Homem e terra se completam. Querem exemplo lapidar? É comum ouvir-se do camponês a resposta ao quotidiano "como vai":

— Tudo bom e nada presta.

Isto soa exótico para um estrangeiro. Porque a expressão insólita reúne duas mensagens que se opõem. Dissecando-a, por exemplo, entendemos o "tudo bom" como alusão à ausência de notícias, de novidades, que poderiam não ser boas. E quanto ao "nada presta", sabemos que é referência à luta contra o meio físico-geográfico, preocupação da qual não se afasta em nenhum momento de sua vida diária.

Expressão paralela, curiosíssima, foi divulgada há pouco pelo Dr. Diógenes da Cunha Lima, no seu livro de poemas INSTRUMENTO DÚCTIL. A uma indagação sobre a situação da agricultura em São José de Campestre, (RN), o trabalhador Zamba sentenciou:

— A terra é boa; o céu é que não presta.

Aí está dito tudo. É a melhor e a maior definição de Nordeste que conhecemos. O que um técnico de alto nível, como o Dr. Guimarães Duque, por exemplo, tem procurado frisar, repetidamente, nos seus livros sobre o Nordeste, potencialidades e precariedades do meio, Zamba resumiu em duas frases perfeitas. Frases que vêm completar,

depois de mais de quatro séculos, o que já dissera, em parte, o escravidão Pero Vaz de Caminha, sem se aprofundar no binômio terra-clima.

Outra. Contou-nos o geólogo José Salim, de volta de uma excursão pelo interior, que ouviu de um trabalhador a seguinte opinião sobre o caráter de um outro trabalhador:

— Fulano é tão ruim que se ele fosse vereda, eu ainda andava pelo mato.

Observe-se que o problema das vias de comunicação, na área rural, está implícito. É, sobretudo, que originalidade na forma de emitir impressão sobre um caráter!...

O fazendeiro José Natal Tinoco poderia escrever um livro sobre o que tem ouvido no interior dos seus trabalhadores. De uma expressão de um caboclo, diz ele que recolheu lição para o resto da vida. Ele mandou plantar um algodão de palmo a palmo, como é do costume. O trabalhador ouviu, não sei porque, que era de palma a palma. E estragou a plantação. José Natal Tinoco ficou triste quando observou o erro do trabalhador. Vendo a preocupação do fazendeiro, o caboclo declarou:

— Doutor, não se aperreia, não. Feliz de quem tem do que se aperriar.

É evidente que, quem não tem nada, não tem mesmo de que se queixar...

*

O DINHEIRO NA LINGUAGEM POPULAR

Soffiati Netto

Luís da Câmara Cascudo registra, no Dicionário do Folclore Brasileiro, verbete "dinheiro", o seguinte:

"Quando dado pelo diabo, pelo saci-pererê etc., é preciso benzê-lo, sob pena de desaparecer ou transformar-se em folhas secas. Aliás, as moedas de ouro de Cornélio Agripa eram folhas das árvores. A primeira moeda ganha deve ser benzida, isto é, persignar-se com ela o vendedor, para que venham outras".

Com a criação do dinheiro, formou-se em torno dele toda uma tradição — expressa, sobretudo, por meio de superstições, anedotas

e gíria — em todas as culturas em que ele é utilizado. No mundo capitalista especialmente, o dinheiro é fator primordial nas relações humanas, em qualquer nível social.

As anedotas sobre dinheiro referem-se quase sempre a judeus e escoceses, tidos como avarentos, ou a novas cédulas e moedas que entram em circulação.

O vocabulário é vastíssimo, não só no Brasil como em outros países. Alguns termos e frases feitas, recolhidos a partir de 1965, numa região que se estende do Rio de Janeiro ao norte fluminense, aqui vão:

Abobrinha: cédula de mil cruzeiros antigos, da cor de abóbora. Termo não mais usado hoje por não estar mais em circulação a referida cédula.

A mão entra aberta e sai fechada: diz-se de uma pessoa avarenta. **Arame:** dinheiro. Palavra pouco usada atualmente. “Ando doído atrás do arame”.

Baba: dinheiro. “(Es)to(u) precisando arranjar uma baba emprestada”.

Bolo: reunião de quotas de várias pessoas que deve reverter, por sorteio ou aposta, a um dos contribuintes.

Cabral: cédula de mil cruzeiros antigos, com a effigie de Pedro Álvares Cabral. Termo não mais usado por ter sido recolhida a nota.

Cacau: dinheiro. “Fulano (es)tá cheio do cacau”.

Chacal: sem dinheiro: “(Es)to(u) chacal, meu amigo”.

Chapéu: antiga cédula de dez mil cruzeiros, com a effigie de Santos Dumont. Quando foi lançada, circulou a anedota de que a autenticidade da cédula estaria assegurada se a figura de Santos Dumont fosse virada de cabeça para baixo e o chapéu não caísse.

Cobre: dinheiro. “Me acerta uns cobsres”.

Com c corda no pescoço: endividado.

Duro: sem dinheiro. “(Es)to(u) duro”.

Ervã: dinheiro. Termo pouco usado atualmente.

Espilado: sem dinheiro. Termo usado no norte-fluminense.

Estribado: na posse de quantia considerável. “Fulano recebeu ontem; (es)tá estribado”.

Faturar: ganhar muito dinheiro.

Filipeta: dinheiro de pouco valor. “Só tenho filipetas no bolso”.

Fominha: ambicioso, egoísta, sovina. O termo é usado em outros sentidos, além do econômico.

Forca (na): endividado.

Galinha morta: preço baixo. “Isto me custou uma galinha morta”.

Galo: cédula de cinqüenta cruzeiros, tanto antigos como novos.

Grana: dinheiro. “Fulano é cheio da grana”.

Gruja: gorjeta.

Jaburu: cruzeiro, dinheiro. “Quantos jaburu(s) você tem aí no bolso?”.

Limpo: sem dinheiro.

Liso: sem dinheiro.

Lona (na): sem dinheiro. “Aquele cara (es)tá sempre na lona”.

Malandro: cruzeiro. “Tenho vinte malandros”.

Mango: cruzeiro “(Es)to(u) precisando de dez mangos”.

Mão-aberta: generoso.

Mão-fechada: sovina.

Mão-de-samambaia: sovina.

Menor (na): sem dinheiro. “(Es)to(u) na menor”.

Micha: dinheiro, quantia qualquer. “Só trabalho se me pagarem uma micha legal”.

Micharia: dinheiro, quantia qualquer. “Descolei uma micharia jóia”.

Mônei: dinheiro. Muito usado na zona sul do Rio de Janeiro. “Me acerta um mônei, aí”.

Munheca: avarento. Diz-se de pessoa avarenta:

Não abre a mão nem para dar adeus;

não abre a mão nem pra dar bom-dia;

não abre a mão nem pra fazer continência;

não abre a mão nem pra jogar peteca.

Niquel (niqui): moeda. Só tenho niqui no bolso.

Nota: dinheiro. “O cara é cheio da nota”.

Nota de conto: cédula de mil cruzeiros antigos. Hoje, o termo é usado, às vezes, para designar a cédula de um cruzeiro.

Nota de resposta: dinheiro grande.

Os olhos da cara: preço elevado. "Isto me custou os olhos da cara".

Pacote: cruzeiro, dinheiro. "Ganhei cinquenta pacotes".

Pão-duro: sovina.

Papagaio: em gíria bancária, letra promissória.

Pau: cruzeiro. "Me empresta cinquenta paus, aí".

Pela hora da morte: caro. "Os preços estão pela hora da morte".

Pendurado: endividado.

Perna: cédula de cem cruzeiros antigos.

Pindaíba: (em): sem dinheiro. "(Es)to(u) numa pindaíba braba".

Pior: (na): sem dinheiro. "(Es)to(u) na pior".

Prata: cruzeiro, dinheiro. "Preciso de trinta pratas".

Preço de banana: preço baixo.

Prego (no): endividado.

Puro: sem dinheiro.

Quanto mais tem, mais quer: diz-se de pessoa ambiciosa.

Quebrado: sem dinheiro.

Quina: cédula de quinhentos cruzeiros, tanto antigos quanto novos.

Rachar: dividir uma quantia entre amigos. "Vamo(s) rachá(r) a despesa".

Reto: sem dinheiro.

Russo: situação econômica difícil. "(Es)tá russo, cumpadi".

Situação: dinheiro. "Me acerta uma situação legal, aí".

Teso: sem dinheiro.

Tiradentes: cédula de cinco mil cruzeiros antigos, com a efígie de Tiradentes. Fora de uso por não estar mais a cédula em circulação.

Torrar: gastar.

Trambique: negócio ilícito, desfalque, desvio de dinheiro.

Trambiqueiro: pessoa que realiza negócios ilícitos, que desvia verbas. Trapaceiro, falsário.

Trocado: dinheiro.

Troco: dinheiro.

Tubo: dinheiro. "Fulano é cheio dos tubos".

Tutu: dinheiro.

Vaquinha: quotização entre amigos para a aquisição de algo. "Vamo(s) fazê(r) uma vaquinha pra comprá(r) uma bola?"

SERTANISMO PITORESCO

Rubens Falcão

Jornalista, poeta, conferencista, folclorista e historiador — ele foi tudo isto em mais de três décadas de incursões pelo interior do Nordeste. Deixou, em consequência, uma bagagem digna do maior apreço e que o Brasil inteiro conhece e estima. A morte levou-o aos 56 anos, quando, doente, só tinha permissão para frequentar as sessões do Instituto do Ceará, de que fora um dos sócios mais operosos. O evento ocorreu a 2 de janeiro de 1948, em Fortaleza. Um ano antes eu o visitara e, a convite seu, assistira a uma reunião daquele Instituto, então situado na Praça General Tibúrcio.

Leonardo Mota — é a ele que me refiro — nasceu em Pedra Branca, no Ceará, a 10 de maio de 1891. Era um domingo e o velho relógio da casa de Leonardo Ferreira da Mota e sua mulher, D. Maria Cristina Mota, marcava 7 horas.

Depois dos estudos primários em Quixadá, bacharelou-se em Ciências e Letras no Liceu Estadual. Foi seminarista e professor secundário em Guaramiranga, formando-se em Direito em 1916. Exerceu o Ministério Público e, passando a residir na capital, foi oficial de gabinete do Presidente João Tomé de Sabóia e Silva. Ao fim do seu governo, nomeou-o João Tomé primeiro tabelião em Fortaleza.

Publicou: *Cantadores, Violeiros do Norte*, premiado pela Academia Brasileira; *Sertão Alegre, No tempo de Lampião, Prosa vadia e A Padaria Espiritual*. Tinha em preparação a *História Eclesiástica do Ceará* e escrevia assiduamente na imprensa local.

Pois desse espírito curioso e versátil, desse "Larousse do mato", como lhe chamou Antônio Sales, são os episódios que passo a citar, recolhidos por ele na sua convivência com o nosso matuto:

— "Mas, seu João, você teve coragem de me vender um cavalo cego, e nem me disse nada! Isto se faz?"

— Escute, Zeca... A coisa é que eu comprei este cavalo ao Pedro e ele também não me disse nada sobre a cegueira do animal. Daí, eu pensei que ele quisesse guardar segredo e não te disse..."

“O homem ia entrando em casa, muito cuidadoso, depois de uma noiteada. Eram quatro horas da manhã e a mulher o recebeu à porta com o rolo de fazer massa na mão. Quando a viu assim, o camarada fez uma cara de penalizado e foi logo dizendo: — “Mas, meu amor! Não, não quero isso! Ainda bem não amanheceu o dia e estás na cozinha! É muito sacrifício, filhinha!”...

“... Pessoas recém-vindas do Crato me informam haver escutado ali, num dia de feira, este diálogo entre dois carienses: — “Compadre, você que lê jornal, me conte, me diga como vai a política”. — “Fervendo, compadre, fervendo...” — “Você já reparou? Anticamente só se falava em Acióli e Franco Rabelo; agora só se fala num tal de integralismo e num tal de comunismo. Que é que quer dizer isso?” — “Ah! espere, e você não sabe mesmo, não? INTEGRALISMO é nós entregando, e COMUNISMO é o governo comendo...”

“... O velho Zezinho, vigia dos açudes “Parelhas”, para significar que as coisas piores deste mundo são MORTE, PRISÃO e CASAMENTO, dizia ao engenheiro Pereira de Castro: — “Seu Doutô, neste mundo só hai três voz que faz o home estremecê: a primeira é o TÊJE PRÊSO! a segunda, “JESUS SEJA CONTIGO! e a terceira, seu Doutô, a terceira, que acho mais ruim, é... RECEBO A VÓS!...”

“Corre mundo toda uma série de narrativas jocosas que tornam clássica a indolência de nosso caboclo e concorrem para que se acredite na existência do *JECA*. No Rio de Janeiro, numa roda alegre de literatos e rapazes da imprensa, o humorista Madeira de Freitas (Mendes Fradique) referia certo diálogo que tivera com um praieiro capichaba, seu coestaduano. Interrogado sobre qual era a ocupação dos habitantes daquela praia espiritosantense, o patricio respondeu, entre inteligente e malandro: — “Quando é de dia, nós espiamos a maré e, quando é de noite, nós durmimo...” E vocês não trabalham? — “Trabaiá pra quê? Aqui a gente só trabalha quando mesmo não tem outra coisa que fazê...” Mas você não se cansa de não fazer nada? — “Canso”. E quando você cansa de não fazer nada, que é que você faz? — “Descanso”...

“... Em fevereiro de 1919, quando a seca se não havia de todo declarado, o vigário da freguesia animava, no patamar da igreja, uns paroquianos apreensivos de que o Ceará estivesse às portas de um flagelo como os de 1877 e 1915. — “Nós havemos de ter inverno agora em 19! É preciso não perdermos a fé em Deus! Deus está no céu!” Mas Francisco Ernesto aparteu, numa indagação de descrente: — “Seu vigário, e aonde é que ele tava no 77 e no 15?”.

“Ouvi dizer em Minas Gerais que um certo Padre Elesbão era um tanto esquivo ao cumprimento dos seus deveres de pastor de almas. Sacerdote velho, o que mais o aborrecia era o sermão do confessional. Achava um abuso, e não sem razão, que beatas históricas e rabugentas o ocupassem, dia e noite, a absolvê-las de bobices que supunham graves pecados. Homens não faziam isso; somente mulheres.

— “Cavilação!” exclamava o pároco todos os domingos, à hora da missa, após o Evangelho. “Essa gente vem-se confessar diariamente por não ter, ao que parece, outra coisa que fazer, nem outra distração. Mas eu tenho direito a repouso e não posso viver a ouvir besteiras. Porque é que os homens não fazem isso?” Como, prossegue o Leota, de nada valessem as exortações do vigário, resolveu este organizar uma tabela para as confissões, a qual, pregada à porta principal da igreja, continha os seguintes categóricos dizeres:

2.^a-feira — As casadas que namoram.

3.^a-feira — As viúvas desonestas.

4.^a-feira — As donzelas levianas.

5.^a-feira — As adúlteras.

6.^a-feira — As falsas virgens.

Sábado — As mulheres da vida.

Domingo — As velhas mexeriqueiras”.

A partir de então, o padre “começou a levar vida folgada. E, tempos depois, gabava-se ele a um colega: — “Freguesia boa é a minha!” mulher lá só se confessa na hora da morte...”

COZINHA COMO OVO...

“Há em Crateús um comerciante finório de quem se apregoam muitas *sabidorias*, que lhe garantem a fama de respeitável na arte de *embrulhar o próximo*... Certo matuto, vítima, como outros muitos, duma *falta de abuso* por parte do tal negociante, jurou tirar do mesmo uma desforra. Para isso, procurou-o com boa cara e, oferecendo-lhe, a preço convidativo, uma partida de feijão, garantiu que o legume era especial.

— Olhe, me seja franco: o feijão é mesmo especial?

— Se é? é uma especialidade: cozinha como ovo!

O comerciante fez a compra de vinte sacos, pagou-os e levou um litro do feijão para casa, a fim de o experimentar. À tarde, à hora da *janta*, a cozinheira se queixava:

— Majó, o feijão é muito velho! não cozinha, nem por nada. Gastei quase toda a água, quase toda a lenha, e o bicho cada vez mais duro!

No outro dia, o comerciante avista o matuto que descaradamente o engazopara, e lhe censura o procedimento:

— Nunca esperei isso de você! Como é que você faz uma coisa dessas comigo? Você não disse e tornou a dizer que o feijão era especial?

— Disse. E sustento! É mesmo! É especial! A especialidade dele é esta: cozinha como ovo — quanto mais fogo leva, mais duro fica”.

ADIVINHAS

“O sertanejo nordestino é habilíssimo em propor adivinhas ou perguntas enigmáticas, a exemplo desta:

— Qual é o bicho que come com o rabo?

Naturalmente o interlocutor embatua, e o matuto esclarece:

— Todo bicho que tem rabo come com o rabo, porque nenhum tira o rabo quando come...

Ainda algumas perguntas:

— Quem é que não pode acompanhar Procissão?

— É cacristão, porque fica na igreja batendo sino...

— O que é que, a gente quebrando, não tem mais jeito?

— É jejum e segredo...

— Qual é o bicho que morre em pé?

— É vela...

— Porque é que cachorro, quando urina, escora uma perna na parede?

— É para a parede não cair por cima dele.

— Porque é que cachorro, quando está alegre, sacode o rabo?

— É porque, se o corpo não fosse mais pesado que o rabo, o rabo é que sacudia o corpo...

— Quem é que pode mais do que Deus?

— É cachaça, porque Deus dá juízo e a cachaça tira...

Como que o matuto se delicia ante o natural sobressalto produzido por certas perguntas aparentemente escabrosas, mas, de fato, ingênuas:

— Porque é que não homem, e sim mulher, é que dá à luz?

— É porque quem fez este mundo foi Nosso Senhor. Se fosse Nossa Senhora, nós estaríamos desgraçados...”

BOATO...

“Numa casa de família, amesendados na sala de jantar, um pai dizia ao pirralho primogênito:

— Você, Flávio, você nasceu assim: nós estávamos todos na sala de visitas quando uns anjinhos desceram do céu trazendo você nos braços e o colocaram no berço...

O Flávio sorria, irônico, mas em todo o caso se esforçando por mostrar que estava levando muito a sério a descrição paterna. A Fifi, lourinha espevitada, também quis saber:

— E eu, papai, como foi que eu nasci?

— Foi também como o Flávio...

— E eu, papai? indagou o Oscar.

— Foi também como o Flávio...

Nisso, o caçula da casa, o Juquinho, irritado com a narrativa lírica do pai, saltou da cadeira, resmungando:

— Ah, então eu já vi que essa história de a gente ser filho da mamãe é boato...”

NA FEIRA DE MISSÃO VELHA

“Na feira de Missão Velha, um cantador cego assim agradeceu generosa esmola que lhe fora dada:

Quando meu patrão pender
Pras banda do meu sertão,
Tem almoço de galinha
E, na falta, tem capão;
Tem mulher pra lhe servir
Numas coisas, noutras não...”

QUADRINHAS A SANTO ANTÔNIO

“Humanizando os Santos, reintegrando-os ao convívio do homem e das alegrias humanas, o povo, conforme explica o folclorista português Jaime Cortesão, faz Santo Antônio perder no altar a compostura para acenar às moças e ir tocá-las nas estradas:

“Fui andando num caminho,
Santo Antônio me chamou:
Quando um santo chama a gente,
Que fará um pecador!”

Santo Antônio me acenou
De cima de seu altar:
Olha o maroto do Santo
Que também quer namorar!”

Colhidas por Leonardo Mota, (o *Leota* das crônicas brejeiras do *Correio do Ceará*), “em diferentes rapsódias de versos populares”, mais estas quadras:

“Santo Antônio é brejeiro
E alguma coisa mais,
Faz chorar as raparigas
A andarem sempre aos ais.

Santo Antônio é moço,
Santo Antônio é frade,
Pra casar as moças
Tem habilidade.

Santo Antônio de Lisboa,
Haveis de ser meu compadre:
Livraste teu pai da forca,
Livrará tua comadre.

Santo Antônio é santo,
Pancadas deve levar,
Por não fazer os milagres
Pra raparigas casar.

Santo Antônio de Ribamar,
Abaixai-me esta barriga,
Que eu não sei o que traz dentro:
Se é rapaz ou rapariga...

*

NOTICIÁRIO

INSTITUTO NITEROIENSE DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL - É este um dos mais atuantes setores da Prefeitura da antiga capital fluminense. Seu fundador e primeiro Diretor, Dr. Lyad Guimarães de Almeida, tem-se mostrado incansável na promoção e divulgação dos valores da terra. Prestigiando as iniciativas de ordem cultural da cidade, a muitas auxiliando com patriótico empenho, (nós entre elas), mantém uma REVISTA, verdadeiro livro, de circulação periódica e ainda edita e reedita obras de autores fluminenses vivos e falecidos. A par disso reúne, em animadas e prolongadas tertúlias, intelectuais de Niterói e do Rio, que ali confraternizam e trocam impressões sobre a produção artística e literária do momento.

PROFESSOR RENATO ALMEIDA

O eminente Professor Renato Almeida, que até bem pouco esteve à frente da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que lhe

ficou a dever beneméritos e assinalados serviços, dirigiu a seguinte carta ao Secretário-Geral da Comissão Fluminense, acusando a com que lhe agradecera este as atenções e os estímulos concedidos:

“Meu caro Rubens Falcão,

Recebo sua carta, tão encantadora e amiga, em que me agradece as atenções com que o cerquei, ao tempo em que trabalhava na Campanha de Defesa do Folclore. Mas, que fiz eu? Apenas incentivei o gosto e o amor que tinha pela cultura popular brasileira, e o revelava com tanto entusiasmo e dedicação. Nada para agradecer, meu velho. Eu é que lhe sou muito reconhecido pelas atenções com que cercava o meu trabalho e pela amplitude que sempre lhe deu. Quem lhe deve sou eu e receba, com um afetuoso abraço, a amizade de seu velho amigo

Renato Almeida”.

A INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE — Essa grande obra do Professor Renato Almeida, editada pela primeira vez em 1957, reaparece agora em segunda edição pela Companhia Editora Americana e o Instituto Nacional do Livro. Escreveu o folclorista Édison Carneiro, a respeito das suas páginas magistrais: ... “Pode-se dizer com justiça que **CORRE ÁGUA, NASCE FLÔ**... a água da eterna e fecunda sabedoria popular, a bela e adorável flor da civilização a que chamamos Folclore”.

CURSO DE FOLCLORE NO S.E.S.C. — Mais uma iniciativa dessa simpática instituição, em Niterói. Com a presença do seu Diretor Regional, Professor Horácio Pacheco, do seu Diretor Social, Dr. Raimundo da Fonseca Dória, (duas vigorosas colunas de sustentação da entidade criada pelo idealismo de João Daudt de Oliveira), e do Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore, que o presidiu, inaugurou-se esse Curso, com admirável frequência, no dia 4 de agosto corrente. Encarregou-se das aulas o Professor Raul Giovanni da Motta Lody, que colheu mais um sucesso nas suas andanças folclóricas pelas nossas principais cidades.

CÁSSIO M'BOY — Embora diferenciando-se dos seus conterrâneos no gênero, como o pintor Almeida Júnior, a obra de Cássio M'Boy, voltada à cultura caipira, “constitue-se num legítimo exemplo da nossa

arte na motivação popular” — escreveu, em começos deste ano, o Governador Abreu Sodré. Um belo álbum, contendo quadros do artista, foi-nos ofertado pela dinâmica e talentosa folclorista Laura Della Mônica, impulsionadora de grandes movimentos em São Paulo pela cultura de massa.

MAMULENGO — Chegou-nos o n.º 3 dessa *Revista* da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Oferecimento da Professora Carmosina Monteiro de Araújo, Diretora do Teatrinho de Marionetes “Monteiro Lobato”, na Avenida Radial Oeste n.º 128, no Rio.

Câmara Cascudo, no seu excelente **DICIONÁRIO DE FOLCLORE**, assim define *Mamulengo*: “Espécie de divertimento popular em Pernambuco que consiste em representações dramáticas por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma coisa elevado. Por detrás de uma empanada, esconde-se uma ou duas pessoas adestradas, e fazem com que os bonecos se exibam com movimento e fala. A esses dramas servem ao mesmo tempo de assunto cenas bíblicas e de atualidade. Tem lugar por ocasião das festividades de igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo aplaude e se deleita com essa distração, recompendando seus autores com pequenas dádivas primárias”.

MEDICINA POPULAR — Após o êxito do curso que, sobre o assunto, ministrou na Escola de Música do Rio de Janeiro a Professora paulista Maria Thereza de Arruda Camargo, a convite do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Professor Bráulio do Nascimento, veio a Niterói, no dia 18 de julho, a distinta especialista que, recebida pela Presidente da União dos Professores Primários Estaduais, Professora Anaíta Custódio Cardoso, abordou o mesmo tema perante um auditório interessadíssimo.

FOLCLORE INAUGURA NOVA SEDE E ABRE EXPOSIÇÃO

Com o lançamento de disco e publicações especializadas, projeções de áudio-visuais, abertura de exposição do Museu do Folclore, além da exibição da Banda Cabaçal, do Crato, (Ceará) e da Banda da Casa do Pequeno Jornaleiro, foi inaugurada no dia 18, à 18 horas, a nova sede da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Departamento de Assuntos Culturais do MEC.

O programa de festejos, que teve o patrocínio do “Programa de Ação Cultural”, abriu, com solenidades, a semana do Folclore Bra-

sileiro que incluiu, ainda no Rio, exhibições de grupos populares no Mourisco e palestras em Universidades, seguindo-se festejos especiais em Natal, Rio Grande do Norte, estabelecidos para os dias 22 (Dia Internacional do Folclore), 23 e 24 do corrente, em homenagem a Luís da Câmara Cascudo.

O prédio, que abriga oficialmente a Campanha, (Rua do Catete, 179) antiga Casa da Guarda do Palácio, é uma edificação do início do século XIX, tombado pelo Patrimônio Histórico e restaurado com recursos do "Programa de Ação Cultural".

Com suas dependências inteiramente reformadas para receber os diversos setores da Campanha, a nova sede guarda, no andar térreo, o Museu do Folclore, reunindo material procedente de todas as regiões do País. No primeiro andar, localizam-se a Sala de Leitura (convertível em auditório para cursos e sala de projeções cinematográficas), a Biblioteca "Amadeu Amaral", Sala de Música, Sala de Gravações e a Administração. No terceiro andar, a Direção e a Assessoria da Campanha.

Ao inaugurar a nova sede, a Campanha lançou, no setor de publicações especializadas, a monografia *Garrafada*, de autoria da Professora Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, da Escola de Botânica da Universidade de São Paulo. É a primeira de uma série de monografias sobre folclore.

Na série *Documentário Sonoro de Folclore Brasileiro*, igualmente lançado, durante as cerimônias de inauguração, o "long-play" *Literatura de Cordel*.

Ainda como parte das comemorações, foi projetado um áudio-visual sobre a nova sede, mostrando a fachada restaurada da dependência do imóvel e diversas peças do acervo da Campanha.

"DIVINO" OBTÉM PRÊMIO DE FOLCLORE — A monografia "O Divino, o Santo e a Senhora" (estudo sobre a festa do Espírito Santo e o Reinado de N. Senhora do Rosário e São Benedito, em Pirenópolis, Goiás), de Carlos Rodrigues Brandão, obteve, entre 52 concorrentes, o Prêmio "Silvio Romero" de 1975, no valor de Cr\$. . . 20.000,00 (vinte mil cruzeiro). O Prêmio, promovido anualmente pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, teve o patrocínio do "Programa de Ação Cultural".

Palestras na PUC, Gama Filho, Universidade de Campo Grande e na UERJ com apresentação da Banda Cabaçal. Conferencistas: Prof. Domingos Vieira Filho (Maranhão), Hildegardes Viana (Bahia), Armando Bordalo da Silva (Pará) e Jackson da Silva Lima (Sergipe); Lançamento do compacto "Cocos de Alagoas";

Apresentação de grupos folclóricos no Mourisco — Praia de Botafogo: Banda Cabaçal, Caiapó, Guerreiro, Capoeira, Boi de Reis e Folia de Reis.

FOLCLORE LANÇA NOVA SÉRIE DE CADERNOS — A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro lançou, durante a inauguração de sua sede, uma nova série de Cadernos de Folclore para atender basicamente a área universitária. A nova série, patrocinada pelo "Programa de Ação Cultural", iniciou-se com *Capoeira*, de Édison Carneiro, e prosseguirá, ainda este ano, com *Literatura de Cordel*, de Manuel Diégues Júnior, *Folia de Reis*, de Zaide Maciel de Castro e Araci do Prado Couto, *Rondas Infantis*, de Laura Della Mônica e *Cozinha Baiana*, de Hildegardes Viana.

A 1.^a Menção Honrosa coube a Laura Della Mônica, de São Paulo, com "Cerâmica: meio de comunicação da cultura do povo", e a 2.^a Menção a Luís Tavares Júnior, de Fortaleza, com "O mito na literatura de cordel". A Comissão Julgadora foi constituída pelos folcloristas Guilherme Santos Neves, Saul Martins e Felte Bezerra.

FOLCLORE PREMIA ALUNOS DE TRÊS ESTADOS — André Louzada Brandão, de Jundiá (SP); Marcos Vinicius Guerra Peixe, de Petrópolis (RJ) e Valmir José Zimmer, de São José do Cedro (SC) obtiveram o 1.^o, 2.^o e 3.^o prêmios, respectivamente, do Concurso do Negro, no valor de Cr\$ 5.000,00, Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 2.000,00 cruzeiros.

O Concurso, destinado a alunos do 1.^o grau de todo o País, é promovido anualmente pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e teve o patrocínio do "Programa de Ação Cultural". A Comissão Julgadora foi composta pelos Professores Vicente Salles, Raul Giovanni da Motta Lody e Maria de Cásia Nascimento Frade.

COMEMORAÇÕES FOLCLÓRICAS — A Academia Niteroiense de Letras, o Serviço Social do Comércio e a Comissão Fluminense de Folclore promoveram conjuntamente, em comemoração ao 22 de agosto,

uma exibição áudio-visual de aspectos os mais variados e interessantes do nosso populário.

O encontro, com a palavra inicial do ilustre acadêmico e professor Dr. Sylvio Lago, sobre *Medicina Popular*, realizou-se no auditório do SESC (Rua Padre Anchieta, 56) na data supra, às 20 horas.

Ainda em prosseguimento das mesmas festividades, foram inaugurados no "Acervo" SESC-R.J. da cidade de Campos, no dia seguinte àquele, diversos festejos programados pela representação local, aos quais estiveram presentes o Professor Horácio Pacheco, Diretor-Regional do SESC, e o Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore.

III FESTIVAL DO FOLCLORE BRASILEIRO

Com a presença do Governador do Estado, autoridades locais e folcloristas de vários pontos do País, realizou-se em Natal, de 18 a 24, o III FESTIVAL DO FOLCLORE BRASILEIRO, em homenagem ao Professor Luís da Câmara Cascudo. A saudação ao mestre potiguar, que vai publicada nesta edição, foi pronunciada, na abertura do certame, pelo Professor Manuel Diéguas Júnior, Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do MEC. Sobre aspectos diversos do nosso populário, proferiram conferências os professores Sebastião Vilanova, Théó Brandão, Guilherme Santos Neves e Ana Augusta Rodrigues. Foram lançados os discos Bambelô e Boi Calemba, documentário sonoro do folclore brasileiro, co-direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e F.J.A. — Biblioteca Pública Câmara Cascudo; selo comemorativo, pela repartição dos Correios e Telégrafos; inauguração de uma amostra de artesanato e artes plásticas, com motivos folclóricos; apresentação de Grupos Folclóricos do Rio Grande do Norte, das Alagoas, de Pernambuco e da Paraíba; instalação da Federação de Grupos Folclóricos do Rio Grande do Norte, com a posse de seu presidente Deifilo Gurgel. Todas as solenidades tiveram lugar na TV Universitária, no Salão dos Grandes Atos, na Biblioteca Pública, no Palácio dos Esportes, nas Praças Cidade da Esperança e Santos Reis, Escola Doméstica e Restaurante Universitário. O encerramento do Festival, que durante toda a semana da sua realização teve a prestígio-lo a presença da sociedade natalense, onde Cascudo desfruta das gerais simpatias e da veneração dos seus conterrâneos, verificou-se com a apresentação dos Grupos Folclóricos Pastoral do Ambulatório São Jose, Cobocolinhos e Araruna.

COMISSÃO FLUMINENSE DE FOLCLORE

Alipio Mendes	Jacy Pacheco
Albertina Fortuna	José Cortes Coutinho
Alcione Baptista	Luís Antônio Pimentel
An' Augusta Rodrigues	Maria Thereza Mello Soares
Amélia Tomás	Maria Leticia Souto Campos
Benilda Augusta da Silva Santos	Maria C. Coutinho Ferreira
Carmen Resende Alt	Noemi Flores
Emílio Carmo	Raul Giovanni da Motta Lody
Flávio Gustavo Thamsten Filho	Stella Campofiorito de Carvalho
Gilda Cortines Peixoto	Thalita de Oliveira Casadei
	Vera de Vives

Secretário-Geral da Comissão, Diretor e Redator-Chefe da "Revista":
RUBENS FALCÃO.

Secretário: MARCELO CÂMARA.

Endereço: Av. 22 de Novembro, 27 — Niterói (24.000) — R.J.

FEDE-SE ACUSAR O RECEBIMENTO PARA QUE NÃO SEJA
INTERROMPIDA A REMESSA.

Baptista de Souza & Cia. Editores
Rua do Livramento, 103 — R.J.